

# HISTÓRIA, HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E INSTITUIÇÕES ESCOLARES: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.

Mariana Pecoraro de Souza\*  
Décio Gatti Júnior\*\*

O presente trabalho tem por objetivo compreender os principais aspectos teórico-metodológicos no campo da pesquisa em História da Educação, especificamente da História das Instituições Escolares, considerando que este é um dos temas, que vem despertando o interesse de diferentes pesquisadores da área educacional.

**Palavras-Chave:** História, Educação, Instituições Escolares

## INTRODUÇÃO

De modo geral, pode-se afirmar que no âmbito da História de fins do século XIX a fonte preferida era o documento escrito, sobretudo o oficial, no qual a objetividade do registro era garantida pela fidelidade ao mesmo. Com a Escola dos Annales, passa-se a incorporar a ele outras fontes de natureza diversa, tais como objetos, signos, iconografia, etc. O ponto de partida da investigação passa do documento escrito para o problema.

O fato de o historiador querer trazer para o seu trabalho toda a diversidade das manifestações das relações humanas, traz duas ordens de dificuldades, a primeira está na própria tradição historiográfica que dificulta a incorporação de outras linguagens ao trabalho do historiador, e outra está no próprio historiador em sentir-se despreparado para lidar com ela. É importante lembrar que não dá para separar a produção de uma linguagem das condições históricas em que ela foi produzida. Em seu trabalho, o historiador deve levar em consideração como determinada sociedade pensou de si.

Toda essa compreensão do desenvolvimento na pesquisa em História, levou conseqüentemente, ao avanço das investigações em História da Educação. Devido ao avanço da investigação da história educacional brasileira o conhecimento sobre as mais diferentes épocas e temáticas ampliou-se consideravelmente. Isso trouxe a possibilidade de recriação de um dos objetos da história da educação brasileira, a instituição escolar, trazendo à tona aspectos antes ignorados ou secundarizados. Passa-se a analisar a escola não só como um prédio cheio de carteiras, com alguns alunos, alguns professores, com materiais didáticos, a diretora, a faxineira e a merendeira. Começa-se a questionar o porquê deste prédio, o porquê destes alunos, o porquê destes professores. Qual era a situação política e econômica na época em que esta escola foi instalada.

Agora muito mais do que um simples relatório histórico, a história das instituições educacionais, busca compreender toda problemática envolvida na construção da instituição, levando em consideração todos os seus aspectos, sociais, financeiros, políticos, religiosos, etc.

---

\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação. E-mail: mpecoraros@yahoo.com.br.

\*\* Doutor em Educação: História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor de História da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação. Sócio-fundador da Sociedade Brasileira de História da Educação. E-mail: degatti@uol.com.br

## HISTÓRIA E MEMÓRIA

Para captar o desenrolar da história e fazer dele objeto de uma ciência, historiadores e filósofos esforçam-se para encontrar e definir as leis da história, a qual aparece como algo que necessita ser compreendida e explicada a partir da época moderna, pois enquanto os homens garantiam sua própria existência em condições naturais não se punha na necessidade de compreender a razão, o sentido e a finalidade das transformações.

Sobre as bases das reflexões de Hegel e Comte, século XIX (corrente positivista), foi possível imprimir caráter científico aos estudos históricos. O registro preferido pelos historiadores nessa época era o documento escrito, sobretudo o oficial, onde a objetividade do registro era garantida pela fidelidade ao mesmo. Sendo assim, o trabalho do historiador consistia em tirar tudo o que continha nos documentos, nem mais nem menos.

O positivismo teve uma larga e longa predominância na produção historiográfica, talvez seja devido ao caráter de gênero literário, ou seja, a consideração da História como narrativa, descrição dos fatos.

Essa hipótese ganha maior consistência, se considerarmos a pouca familiaridade dos historiadores com o trato de teorias, como a reflexão filosófica e a epistemologia da ciência.

Segundo Ciro Flamarion Cardoso, raramente os historiadores escrevem uma história científica e racional, isso porque, muitos historiadores carecem de uma formação que a tanto os habilite. A falta de preparo científico leva o historiador a utilizar argumentos envelhecidos, além de conhecidos só de segunda mão. (CARDOSO, 1997: 11)

Organiza-se na década de 20 do século XX um movimento que ficou conhecido como, *Escola dos Annales* que buscava superar os limites da historiografia tradicional de fundo positivista até então dominante. Ela amplia a noção de documento. Para esses historiadores o acontecer histórico se faz a partir das ações dos homens. Aqui, então, incorporam-se ao documento escrito, outros de natureza diversas, tais como objetos, signos, paisagens, etc. "O documento já não fala por si mesmo, mas necessita de perguntas adequadas". (VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1998: 15) O ponto de partida da investigação passa do documento escrito para o problema. Não se quer afirmar que o documento escrito não tenha o seu valor, pelo contrário, ele é elemento importante no esquema explicativo, e é usado como ilustração de acordo com a vontade e competência do pesquisador.

Na década de 60, do século XX, é colocado pelos historiadores dos Annales, na técnica, o critério de objetividade da construção histórica, assim a própria problematização do objeto é feita a partir do envolvimento com a técnica, não se levando em conta as ambigüidades e dificuldades conceituais dos dados.

[...] Os historiadores dos Annales fizeram uma revolução ao reverter a prioridade, o enfoque para eles, passa a centrar-se no circuito das atividades, concepções, crenças, representações e práticas cotidianas de um coletivo anônimo e aparentemente banal, miudezas, enfim, que a historiografia tradicional não pretendia contemplar [...]. (BOTO, 1994. p. 25)

A vida cotidiana passa a ser fundamental na análise do historiador, uma vez que ela, responde a questões que os documentos oficiais não conseguem, já que muitas vezes não condizem à realidade, pelo contrário tentam mascarar os acontecimentos de acordo com o interesse de quem os produziu.

Na França a rejeição do que era pejorativamente chamado de “história dos acontecimentos”, em prol da história das estruturas, era uma prancha importante na plataforma da “escola dos Annales” (BURKE, 1992: 328) já que somente a análise daquilo que está por trás dos acontecimentos podem nos revelar seu verdadeiro significado.

Surge a partir dos anos 70 o que se denomina Nova História com adoção de pressupostos estruturalistas oriundos da filosofia, da lingüística e da etnologia, que se contrapunha à historiografia, que vinha sendo praticada seja na perspectiva positivista, na perspectiva crítica marxista ou tributária da Escola dos Annales. Colóquios e obras, na suas maiorias coletivas, fizeram um balanço das novas orientações da história. Um trabalho conjunto (Lê Goff e Nora, 1974) apresentou com título *Faire de l’histoire*, os “novos problemas”, as “novas abordagens” e os “novos objetos” da história. (LE GOFF, 1990).

O mal-estar teórico e epistemológico que os cientistas sociais atuais passam, foi também passado pelos cientistas naturais no final do século XIX. Só que na atualidade essa questão tem um agravante, o objeto dessa ciência, que são as sociedades humanas contemporâneas mudou muito e ainda está mudando. Essa circunstância favorece a construção da história em várias histórias, abandonando as explicações de amplo alcance.

## **METODOLOGIA DE PESQUISA**

A história-conhecimento é uma representação do real, e não o real em si mesmo. Por isso, os procedimentos da pesquisa não devem ser definidos a priori, mas sim no decorrer da pesquisa como fruto do próprio diálogo. O interesse do pesquisador por certos assuntos dependerá de sua visão da sociedade e de sua proposta de intervenção nela.

Uma concepção de história que leva em conta toda a experiência humana a que não é alheio o historiador em seu trabalho, pensa a produção do conhecimento histórico como aquele que é capaz de apreender e incorporar a experiência vivida.

Ao historiador cabe dar ao objeto eleito para estudo uma explicação global dos fatos humanos, sem compartimentação ou subordinação ao econômico, incorporando grandes áreas da experiência, "pois nada nos garante que o que ganhou foi sempre o melhor". (VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY, 1998: 18)

As relações de dominação e subordinação estão presentes em todas as dimensões sociais, por isso a história se ocupa de diferentes linguagens. Ao trabalhar com outras linguagens, o pesquisador, deve colocá-las como elementos constitutivos da realidade social. É preciso não perder a dimensão própria de cada linguagem, pois cada agente social possui um campo conceitual comum, os pesquisadores têm o seu, assim como o fotógrafo, o carnavalesco etc.

Dependo de como o historiador vê a sociedade de sua época, de como ele se posiciona diante dela, resultará a análise que fará do passado como também justifica o seu interesse por determinados assuntos.

A experiência humana não se modifica enquanto passado, o que modifica é a investigação sobre ela, que é fruto de uma determinada sociedade de uma determinada época. Por isso que em seu trabalho é importante que o historiador leve em consideração como determinada classe pensou de si própria.

Para definir o tema não basta ao historiador apenas escolher o assunto, e sim pensar o objeto. Por isso ele se articula com a problematização. Alguns temas propostos de forma ampla vão se delimitando progressivamente. Outros vão ser redefinidos durante a pesquisa, podendo até ser alterados. A redefinição do tema é também acompanhada pela redefinição do problema. A problematização é contínua e acompanha todo o trabalho. No diálogo com os dados obtidos o pesquisador re-elabora os conceitos, as noções e as categorias de análise.

Os procedimentos devem ser definidos no decorrer da pesquisa como fruto do diálogo. Por isso são os agentes sociais em questão que vão determinar os tipos de registro a serem utilizados.

O trabalho final do historiador também é um momento de reflexão, ele deve reconstruir o próprio percurso da investigação. Para que o produto final tenha um retorno para o social, ele deve ser acessível a um público não especializado.

A recuperação do passado não tem condições de ser totalmente objetiva porque a subjetividade do pesquisador está presente. Só uma história baseada nos processos de mudança nos permite uma apropriação interveniente do passado. Por isso, para compreendermos porque o presente é o que é, devemos trabalhar dentro de uma perspectiva sócio-histórica, pois ela interroga o passado com interesses ditado pelo presente, rejeitando verdades universais.

## **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

Devido à historicidade do fenômeno educativo, o debate historiográfico tem profundas implicações para a pesquisa educacional, uma vez que o significado da educação está entrelaçado ao significado da História. Os historiadores têm dificuldades em reconhecer a educação como um domínio da investigação histórica.

Porém deve-se reconhecer que os investigadores-educadores especializados na História da Educação, têm feito um grande esforço para sanar as lacunas teóricas, adquirindo competência no âmbito historiográfico, capaz de estabelecer um diálogo igual para igual com os historiadores. (SAVIANI, 1998: 12)

Segundo Saviani, os investigadores que pesquisam História da Educação são profissionais da área da educação, formados nos cursos de Pedagogia. Para ele surge aqui uma questão, não teria a História da Educação secundarizado a especificidade do seu objeto? Será que estudar o cotidiano da escola é fazer história da educação? Não seria o caso de investigar o tempo educativo como medida do valor do trabalho pedagógico, como elemento determinante da qualidade da educação?

Saviani encontra nas perguntas acima um indicador claro do alto grau de desenvolvimento atingido pela História da Educação, já que a força de uma disciplina científica se mede mais pelos problemas e questões que coloca do que pelas respostas que proporciona.

Ao estudarmos as continuidades da História da educação, verificamos o regresso periódico das mesmas grandes interrogações, e só uma apropriação histórica destas problemáticas permite que o seu regresso se dê em espiral e não em círculo vicioso. Temos como exemplo a temática da descentralização do ensino, que invulgar regularidade repetem-se as mesmas teses, os mesmos acordos e desacordos, sempre como se fosse a primeira vez. Um outro exemplo é a reivindicação de uma carreira profissional, baseada no mérito e na competência, pelo professorado, começou desde o final do século XIX, e pouco sabemos sobre este fato. A abordagem histórica deve centrar-se prioritariamente na apreensão dos movimentos sociais que impulsionaram as mudanças na educação e no ensino.

Segundo Gatti Jr. (2002), a história da Educação, no Brasil nasceu de mãos dadas com a Pedagogia e se posiciona, pelo menos do ponto de vista paradigmático, na órbita da História e não mais da Educação.

A tentativa de olhar a escola a partir do seu entorno, fez com que os pesquisadores de História da Educação se deparassem com abundância de material inédito. “A ampliação das fontes trouxe dificuldades ao seu exame, já que o seu manuseio não é uma tarefa que se esgota em cada documento localizado nos arquivos.” (NUNES, 1992: 158) Para que se possa

extrair dos documentos o máximo de informações necessárias, é preciso que saiba fazê-lo as perguntas adequadas.

Segundo António Nóvoa (1992), a investigação histórica continua a denotar três características principais, ela é sobretudo uma história institucional, pois não aborda novas problemáticas, é cronológica e descritiva, centrada nos fatos, e é unidimensional, pois não mobiliza outras disciplinas científicas para o estudo das questões educativas.

Nóvoa (1992) parte do pressuposto de que história parte do presente, que o passado não é o objeto, mas que buscamos no passado vestígios deixados que nos ajudem a responder as questões sugeridas pelo mundo em que vivemos.

## **HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS – FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

A história das Instituições Educacionais almeja dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado destes espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem. (GATTI JR, 2000: 145)

Tanto autores estrangeiros quanto brasileiros têm seguido um roteiro de pesquisa bastante similar, em que se destacam preocupações com os processos de criação e de desenvolvimento das instituições educativas, a configuração e as mudanças ocorridas no prédio escolar, o processo de conservação e mudança do perfil dos docentes e dos alunos, as formas de configuração e transformação do saber veiculado nestas instituições de ensino, etc. Busca-se, assim, os elementos que conferem identidade a instituição educacional.

O primeiro passo do pesquisador em seu trabalho é a revisão bibliográfica do tema, onde acontece o encontro de diversas obras, cabendo ao pesquisador filtra-las, operando por negações e associações, buscando entender o que se diz entre as palavras, pois, segundo Clarice Nunes (1992) ler é praticar uma problemática.

Ao pesquisar uma instituição educacional, deve-se fazer um resgate da problemática da cidade, onde ela está instalada, para saber certas representações cristalizadas da escola, da sociedade, dos educadores e da própria história da educação.

Levar em consideração qual a representação social dos atores envolvidos na instituição educacional e como eles se articularam com os outros grupos sociais, pode ajudar a compreender a atuação social desse grupo, sem que se seja mero repetidor.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

HOBSBAWM, E. J. A. A Contribuição de Karl Marx para Historiografia. In: *Ideologia na Ciência Social: ensaios críticos sobre a teoria social*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

VIEIRA, M. P. A.; PEIXOTO, M. R. C.; KHOURY, M. A. *A Pesquisa em História*. 4ª edição. Ática. São Paulo, 1998.

SAVIANI, Demerval. O Debate Teórico e Metodológico no Campo da História e sua Importância para a Pesquisa Educacional. In: *História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 1998. pp. 7-15

WARDE, M. J. Questões Teóricas e de Método: a História da Educação nos Marcos de uma História das Disciplinas. In: *História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 1998. pp. 88-97.

GATTI JR, D. Reflexões Teóricas sobre a História das Instituições Educacionais. *Ícone-V.* 6 n°. 2 Jul./Dez. 2000

CARDOSO, C.F. História e Paradigmas Rivais. In: *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.* Rio de Janeiro: Campus, 1997. pp. 1-23

NÓVOA, Antônio. Inovação e História da Educação. In: *Teoria & Educação.* Porto Alegre: Pannonica Editora, 1992. pp. 210-219

NUNES, Clarice. História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos. In: *Teoria & Educação.* Porto Alegre: Pannonica Editora, 1992. pp. 151-182

BOTO, Carlota. Nova História e seus velhos dilemas. In: *Dossiê Nova História-* n°. 23. São Paulo: USP, 1994. pp. 23-33.